



## O ENSINO MÉDIO BRASILEIRO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

Michelly de Carvalho Ferreira 1, Amanda Ricelli de A. Nunes Gomes 2, Anna Karolina Fidelis da S. Rodrigues 3, Elcio Silva Batista 4.

*1Universidade Estadual da Paraíba, chellyjm@yahoo.com.br*

*2Universidade Estadual da Paraíba, amandagomes\_822@hotmail.com*

*3Universidade Estadual da Paraíba, anna\_karolinafs@hotmail.com*

*4Universidade Estadual da Paraíba, elciotx@yahoo.com.br*

**Resumo:** O presente artigo discorre sobre o Ensino Médio no Brasil, tratando de aspectos que partem da origem, principais reformas e condições atuais, analisando como as políticas públicas têm influenciado nas decisões do currículo escolar. Aborda, ainda, sobre a importância da formação continuada de professores, fazendo um recorte do Programa Pacto Nacional Pelo Fortalecimento do Ensino Médio. Para tanto, fez-se no encaminhamento dessa pesquisa observações semanais, de acordo com os encontros que eram realizados com os professores participantes da formação, cujos dados apresentados partiram de uma atividade proposta, desenvolvidos textos dissertativos/reflexivos, fazendo memória desde o ingresso na licenciatura, o início da atuação da carreira até os dias atuais da vida docente. Foram escolhidos 04 (quatro) textos, selecionando 01 (um) por área de conhecimento, de acordo com a habilitação dos docentes, distribuídos entre Linguagens, Ciências Humanas, Ciências da Natureza e Matemática. Sobre os resultados da pesquisa, de forma geral, destacamos que os professores relataram que a escolha pela licenciatura partiu por opção pessoal, mas de certo modo, houve alguma influência familiar. Contudo, revelaram a importância da profissão, a preocupação pela docência, mas afirmaram as dificuldades enfrentadas no dia-a-dia. Embora existam muitos impasses e desafios para atingir a qualidade da educação, ainda assim, advogamos que só através de incentivos, decisões e práticas de ensino efetivas teremos resultados satisfatórios no âmbito da avaliação nacional.

**Palavras-Chave:** Ensino Médio, Políticas Públicas, Formação Continuada.

### Introdução

Este artigo aborda questões que se referem diretamente à formação da Educação Básica, refletindo sobre os aspectos que articulam o Ensino Médio brasileiro, respectivamente desde sua origem, principais reformas e condições atuais, analisando como as políticas públicas têm influenciado sobre o currículo escolar, frente a uma demanda tão plural e heterogênea distribuída ao longo de regiões evidentemente distintas de nosso país.

Com o intuito de retratar experiências próprias do cotidiano da educação, este trabalho parte de um recorte extraído do programa Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio, regulamentado pela Portaria Ministerial Nº 1.140, de 22 de Novembro de 2013. Através dele, o Ministério da Educação e as secretarias estaduais e distritais de educação assumiram o

compromisso pela valorização da formação continuada dos professores e coordenadores pedagógicos que atualmente encontram-se no ensino médio público, nas áreas rurais e urbanas.

O programa passou a vigorar em toda rede estadual da Paraíba, de março a dezembro de 2014, funcionando em duas etapas diferentes, subdivididas nos dois semestres do ano, sendo realizados encontros semanais, orientados por grupos de estudos de acordo com cada área de conhecimento: Linguagens, Ciências Humanas, Ciências da Natureza e Matemática.

Segundo Candau (1997) apresenta três aspectos fundamentais para o processo de formação continuada de professores: a escola, como *locus* privilegiado de formação; a valorização do saber docente e o ciclo de vida dos professores. Isto significa dizer que a formação continuada precisa: primeiro, partir das necessidades reais do cotidiano escolar do professor; depois, valorizar o saber docente, ou seja, o saber curricular e/ou disciplinar mais o saber da experiência; por fim, valorizar e resgatar o saber docente construído na prática pedagógica (teoria + prática).

Para refletirmos sobre formação continuada de professores, depreendemos que essa prática sempre se faz necessária, pois permite ao professor analisar seu desempenho no decorrer de sua carreira, repensar a escola e consolidar diversos aspectos como a valorização profissional, o trabalho em equipe, o currículo e as transdisciplinaridades, que possivelmente mais se adequem a realidade da instituição.

Pensando nesse universo escolar, no tocante à educação básica, Bonitatibus (1991) nos revela que a expressão “ensino médio” é universal e designa, em todos os países, a etapa de ensino situada entre a educação elementar e o ensino superior. É, basicamente, destinada à formação de jovens e adolescentes e dirigida, também, em certos países como o Brasil, aos jovens e adultos que a ela não tiveram acesso na chamada idade própria.

Nesse contexto, nos referimos a uma etapa muito importante quanto ao processo formativo, pois a mesma situa-se como *porta* de saída da educação básica e, ainda, como ponte intermediária para o ingresso em cursos profissionalizantes e ou sequência de estudos no ensino superior. Além de orientar ao caminho do mercado de trabalho, conduzindo alguns jovens na oportunidade do primeiro emprego.

O Ensino Médio brasileiro, no decurso de sua história, tem sido recorrentemente identificado como um espaço indefinido, ainda em busca de sua *identidade*. Contudo, observando-se as funções que lhe foram atribuídas nos últimos tempos, não há dúvida a respeito do caráter marcadamente propedêutico a ele associado. Organizado com base no modelo de seminário-escola dos jesuítas, o ensino médio no Brasil nasce como um lugar para poucos, cujo principal objetivo é

preparar a elite local para os exames de ingresso aos cursos superiores, com um currículo centrado nas humanidades, pouco relacionado às ciências experimentais (PINTO, 2002).

Desse modo, podemos compreender que dentro do processo histórico, esse ensino ainda é contestado em relação a sua identidade, principalmente pelas características e funções que lhes foram sendo atribuídas, lembrando que a princípio era destinado apenas às elites, sendo, portanto, um meio de orientar para o ingresso em cursos superiores.

Algumas mudanças nesse papel exclusivamente propedêutico surgiram com as reformas educacionais iniciadas por Francisco Campos, na década de 1930, quando começou a ser implantado o ensino profissionalizante destinado às “classes menos favorecidas”. O então chamado ensino secundário começou a ser reorganizado a partir de 1931 (com o decreto n. 19.890/31), consolidando-se o processo em 1942, com a Lei Orgânica do Ensino Secundário (decreto-lei n. 4.244/42), que dividiu esse nível de ensino em duas etapas – um ginásio de quatro anos e um colegial com três anos, mantendo tanto os exames de admissão quanto à seletividade que marcava esse nível de ensino.

Nesse primeiro momento de expansão do ensino secundário, o modelo destinado “às massas” foi o profissionalizante, com terminalidade específica, que visava preparar mão de obra para as indústrias que começavam a surgir no país. Paralelamente, preservou-se o ensino de caráter propedêutico, destinado ao ingresso ao ensino superior. Tais opções consagraram o que educadores da época definiram como uma dualidade do nosso sistema de ensino, com duas trajetórias distintas, de acordo com aqueles a quem se destinavam. A equivalência entre os dois modelos, permitindo o ingresso ao ensino superior também aos que realizassem o curso secundário profissionalizante, foi sendo gradualmente construída (leis n. 1.076/50 e n. 1.821/53), mas só foi estabelecida integralmente com a primeira LDB, em 1961 (lei n. 4.024/61) (ROMANELLI, 2001).

Todo esse cenário desencadeado para constituir o Ensino Médio brasileiro, revela que por muito tempo esse ensino foi privilégio de poucos, direcionado às classes altas do império, apenas se expandindo quando o primeiro Ministro da Educação, Francisco Campos, assume o cargo e iniciam as reformas no âmbito educacional. Porém, essa abertura para as “classes populares” se deu em caráter de interesses e urgência, pois o país começava a se desenvolver industrialmente e não havia um número de pessoal habilitado para assumir esses setores de trabalho. Daí, a justificativa e necessidade em oferecer e expandir os cursos técnicos profissionalizantes. Contudo, tornaram-se paralelos dois tipos ou modelos de ensino, de aspectos e finalidades diferentes, confundindo, inclusive, os professores da época. Por isso, foi-se configurando uma dualidade de ensino.

Em meio a essa perspectiva histórica, ainda trazemos muitas marcas desse percurso evidente das desigualdades sociais, além do impasse repercutindo em discussões sobre a identidade dessa etapa de ensino. Não obstante, em meados dos anos 90 (noventa), foi expresso e reformulado por nossa constituição federal como um processo em “progressiva universalização”, implicando dizer que a oferta para esse ensino é um direito assegurado a todos e fazendo uma separação, quebrando a dicotomia, ensino profissionalizante e outra, sendo preparatório para ingresso no ensino superior, explicando, portanto, que ambas possuem finalidades diferentes, dividindo em propostas de estudos distintos.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), propondo alguns dos objetivos que tangenciam essa modalidade de ensino, podemos perceber a intencionalidade desse ensino preparar o estudante e instruí-lo para conviver em sociedade, disposto no Capítulo II, Art. 22 que descreve: “A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (BRASIL, p. 17, 2012).

Para tanto, o citado artigo menciona que a educação básica deve preparar o estudante para exercer adequadamente sua cidadania, auxiliar na inserção do mercado de trabalho e ou ainda, encaminhar para outros cursos, seja os técnicos profissionalizantes de curta duração, como também, despertar para cursos secundários superiores, ficando optativo ao estudante.

Porém, em meio a diversas realidades, sabemos que esse ensino atualmente não se apresenta relevante em razão ao número de matrículas, registrando adolescentes e jovens na faixa etária de 15 a 17 anos fora da escola, isso quer dizer que, infelizmente, ainda quanto aos dados percentuais da juventude brasileira, muitos não chegam ao Ensino Médio, seja pelos altos índices de reprovação, ingresso tardio na escola, abandono, evasão, entre outros fatos, afirmando a não conclusão da educação básica e muito menos a permanência e progresso em seus estudos.

Essa situação é um reflexo dos problemas de fluxo, ainda presentes no ensino fundamental, especialmente a repetência, que terminam por adiar o ingresso dos estudantes no ensino médio. Estima-se que apenas metade dos alunos que ingressam no ensino fundamental, consegue concluí-lo em um tempo médio de dez anos. Consequentemente, muitos alunos chegam ao ensino médio fora da faixa etária relativa entre 15 a 17 anos.

De acordo com o Censo Escolar de 2007, 56% dos alunos que frequentavam o ensino médio estavam na faixa etária ideal, 37% tinham entre 18 e 24 anos e 7% mais de 25 anos. Novamente, essa tendência acentua-se nas Regiões Norte e Nordeste, onde 60% dos alunos do ensino médio

possuem 18 anos ou mais; na Região Centro-Oeste, esse percentual cai para 40%, no Sudeste para 35% e no Sul, para 30%. Diante desses dados acerca do perfil etário dos jovens do ensino médio, ganha maior relevância observar também qual a sua oferta no período noturno, como alternativa para o aluno-trabalhador. (INEP, 2006)

Segundo o Censo Escolar de 2007, do total de matrículas no ensino médio, 41% estão concentradas no noturno, indicando uma taxa de atendimento nesse turno próxima ao percentual de alunos com idade acima de 17 anos (44%). (INEP, *Idem*)

Por isso, Krawczyk (p. 4, 2011), desconsidera a expansão do ensino médio, iniciada nos primeiros anos da década de 1990, “não podemos caracterizar ainda como um processo de universalização nem de democratização”, devido às altas porcentagens de jovens que permanecem fora da escola, à tendência ao declínio do número de matrículas desde 2004 e à persistência de altos índices de evasão e reprovação. Além disso, o processo de expansão reproduz a desigualdade regional, de sexo, cor/raça e modalidade de oferta: ensino médio de formação geral e ensino técnico de nível médio.

De acordo com Moehlecke (2012), é possível depreender, do conjunto de instrumentos normativos do ensino médio analisados, que há uma preocupação crescente com a ampliação desse nível de ensino, bem como com uma melhor definição dos seus propósitos e, ademais, com a melhoria da qualidade do ensino ofertado. No entanto, sua situação atual ainda se encontra distante das metas propostas no Plano Nacional de Educação - PNE (2001-2011).

Não podemos negar que existem inúmeras propostas, programas e intenções em ampliar e melhorar o acesso desse ensino, contudo, a situação socioeconômica muito influi no tocante a esses aspectos que envolvem o progresso da educação nacional, condições estas que limitam a expansão e o direito igualitário de concluir ao menos a escolaridade básica de nossos jovens em idade regular.

Nesse sentido, reconhecemos a importância e o olhar diferenciado que especificamente o Ensino Médio deve apresentar, principalmente pelo fato de conduzir a conclusão da etapa básica, sendo assim, compreendemos que a formação continuada pode ser um meio de incentivo que possivelmente desperte o professor para momentos de reflexão e revisão de sua prática de ensino.

Por isso, a pesquisa se deu através de uma formação continuada entre professores do Ensino Médio, direcionada pelo Programa Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio, envolvendo todos os professores de uma escola da rede Estadual de Ensino, localizada no Município de Belém-PB.

Como objetivos deste trabalho, delimitamos algumas prioridades para auxiliar na pesquisa, análise e discussões finais: a) Capacitar os professores da modalidade do Ensino Médio; b) Refletir sobre o exercício pedagógico e c) Motivar os professores a aplicar novas estratégias metodológicas.

O instrumento utilizado para coleta de dados partiu dos encontros semanais, através das discussões de cada tema trabalhado, dos diálogos e troca de experiências, além de diversas atividades realizadas no decorrer da formação.

## **Metodologia**

Para o encaminhamento dessa pesquisa, seguimos em observações semanais, de acordo com os encontros que eram realizados com os professores participantes e através de atividades que foram previamente propostas. Desse modo, escolhemos desenvolver uma pesquisa qualitativa, retratando as experiências entre os grupos específicos divididos de acordo com a área de conhecimentos, observando os posicionamentos e participações, a fim de analisar opiniões, mediante as falas e produções, buscando descrever esses relatos de acordo com os objetivos pretendidos.

O Programa Pacto Nacional Pelo Fortalecimento do Ensino Médio, ocorreu no ano letivo de 2014, sendo desenvolvidas essas observações na E.E.E.F.M. Eng<sup>a</sup>. Márcia Guedes A. de Carvalho, situada no município de Belém-PB. Desse modo, tivemos como público alvo 30 (trinta) professores cursistas ativos e devidamente cadastrados, sendo dividido cada qual, de acordo com sua habilitação, correspondendo à área específica de conhecimentos.

Os encontros eram bastante interativos, direcionados com aulas teóricas, explicativas e discursivas, utilizando os recursos de data show, notebook e caixa amplificada de som. Geralmente eram exibidos vídeos, documentários, filmes, músicas e slides preparados em consonância à temática da formação e unidos ao material pensado e elaborado para ministrar o programa.

Partindo para a prática, tivemos muitos momentos em subdivisão de pequenos grupos para elaboração de projetos pedagógicos, planos de aulas e sugestões quanto ao planejamento do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, Regimento Interno e atividades pertinentes às áreas de concentração específicas e eventos a serem realizados na escola.

## **Resultados e Discussões**

Os dados apresentados a seguir foram extraídos a partir da seleção de uma atividade proposta, do tipo produção de texto dissertativo/reflexivo, cuja intenção era conduzir o professor

cursista a fazer uma retrospectiva desde sua formação na licenciatura, recordando o início da atuação na carreira até o momento atual de sua vida docente. Para devida análise, foram escolhidos 04 (quatro) textos, selecionando 01 (um) por área de conhecimento, distribuídos entre Linguagens, Ciências Humanas, Ciências da Natureza e Matemática.

Para tal discussão, fizemos recortes dos relatos de experiências da atividade intitulada de Memorial, na qual trazemos marcos histórico e pessoal de diferentes docentes em relação à área de formação, idade, sexo, cor e, portanto, preservamos a identidade dos pesquisados, utilizando apenas como referência de identificação, as siglas: P1, P2, P3 e P4 para inferir nossa análise.

*Memorial do (a) professor (a) da área de Linguagens, (P1):*

“Meu início como professora foi de maneira muito informal, chegando até mesmo ser como algo que eu nem pensava como profissão, era adolescente ainda, não lembro exatamente a idade, eu ensinava atividades de casa para os filhos de alguns vizinhos, depois uma tia minha abriu uma escolinha em sua residência e me convidou para ajudá-la, eu tinha por volta de uns 14 ou 15 anos, estava no ensino médio. Cresci em uma família com várias profissões, porém com muitas professoras ou envolvidos na área de educação, acredito que de certa maneira, mesmo que de forma inconsciente acaba nos influenciando. Frequentando a escola onde minha mãe trabalhava, sempre indo com ela aos eventos e até mesmo em dias normais de aula, vendo seu dia-a-dia de muito trabalho. Decidi ao terminar o ensino médio cursar Letras, especificamente com habilitação em inglês, pois havia influência das músicas que ouvia, e então a justificativa pelo interesse em trabalhar nesta área. “Gosto muito da minha profissão, apesar de tantos obstáculos que temos que enfrentar, nos enriquece e temos a oportunidade de conhecermos muitas pessoas, ajudá-las, ensinar o que sabemos e aprendermos sempre”.

**Fonte: Professor de Linguagens, a partir de dados coletados *in loco*, 2017.**

*Memorial do (a) professor (a) da Área de Humanas, (P2):*

“Ao término do ensino médio tive que decidir qual curso iria prestar vestibular, tendo em vista que a universidade mais próxima de minha residência era em Guarabira, tendo cursos de Letras, Estudos Sociais, Geografia e História. A minha opção foi por História, por ser o curso que mais me identificava, sendo assim prestei vestibular, passei, e estudei até concluir o curso. A influência partiu do meu pai, homem de fibra que se preocupava com os estudos dos filhos, que mesmo em meio a dificuldades, se esforçava para comprar livros para mim e meus irmãos, com o intuito que tivéssemos uma aprendizagem melhor, para que assim construíssemos nosso futuro. Ao concluir o Ensino Superior, apareceu à oportunidade para a minha primeira experiência em sala de aula como professora. Iniciante sabia que iria enfrentar um enorme desafio a cada dia, que exigiria de mim uma nova postura diante da sociedade e em especial dos alunos, pois a prática docente requer grande esforço para ser um bom profissional. Procuro me aperfeiçoar a cada dia para repassar com as práticas pedagógicas que facilitam a aprendizagem dos meus alunos. Procuro mostrar a eles, que para *ser alguém na vida* é preciso estudar, pois eles são o futuro do nosso país. O que não me faz desistir é saber que escolhi ser professora por me identificar com a profissão, sendo responsável e tendo amor pelo que faço. Sempre falo que o Professor nada é sem os alunos, e os alunos nada são sem o professor”.

**Fonte: Professor de Humanas, a partir de dados coletados *in loco*, 2017.**

*Memorial do (a) professor (a) Área de Ciências da Natureza (P3):*

“A profissão de professor surgiu meio que por acaso no meu caminho. É bem verdade que sempre gostei desse processo de troca de conhecimentos e, talvez, tenha sido isso, mas a influência da minha família fez com que eu seguisse essa profissão. A minha caminhada como a de todos os professores, imagino, não foi nem é nada fácil. Iniciei minha jornada de professor em 2003, e venho percebendo que a cada dia, as políticas públicas no âmbito educacional, procuram a todo custo retirar a autonomia dos professores. Basta dizer que estão mais preocupados com quantidades do que com qualidades, uma vez que, criam um cálculo para o IDEB que mais valoriza o índice de aprovados de uma instituição do que a média dos alunos dessa mesma instituição que foi submetida ao exame, próprio para a obtenção do IDEB. Em outras palavras, me encontro e/ou me sinto encurralado, sendo cobrado para dar uma boa ou excelente aula, mas sem poder cobrar da mesma forma dos meus alunos. Ainda não desisti dessa profissão porque gosto, como disse no início, da troca de conhecimento que o ambiente educacional consegue fazer. O que me entristece é que a cada dia os alunos vão perdendo esse gosto pela argumentação, pelo questionamento, pela construção de hipóteses, ou seja, pela construção do conhecimento propriamente dito e, considero como maior culpado as imensas facilidades que as políticas públicas já mencionadas concedem aos alunos. Como sabemos, o ser humano não valoriza aquilo que é fácil, bem como não sente nem vê necessidade de se esforçar para obtê-lo. Mesmo assim, insisto na educação, porque acredito que um dia, esse nosso país vai *tomar vergonha na cara* e vai verdadeiramente investir numa educação de qualidade”.

**Fonte: Professor de Ciências da Natureza, a partir de dados coletados *in loco*, 2017.**

*Memorial do (a) professor (a) Área de concentração em Matemática (P4):*

“Desde criança sempre gostei muito de estudar (lembro-me que na infância gostava bastante de brincar de escolinha, onde sempre queria ser a professora, sempre relacionando à área de exatas, porque minha disciplina preferida sempre foi à matemática). Por esta disciplina ser vista como uma das mais complicadas, durante a educação básica, sempre procurei ajudar meus colegas de classe, com dúvidas relacionadas à mesma. Acredito que esses acontecimentos influenciaram bastante pra que eu pudesse chegar onde estou hoje, como educadora. Hoje me encontro lecionando Matemática nas turmas de Ensino Médio. As experiências, diretamente relacionadas à escola, foram marcantes para minha vida profissional, viajar por esse universo desconhecido, fascinante e muitas vezes assustador pelos obstáculos encontrados, mas acima de tudo superados, mediadas pelo processo de formação humana. Através de tais experiências, compreendi a responsabilidade de ser uma educadora diante da vida e formação de sua identidade, como ser humano”.

**Fonte: Professor de Matemática, a partir de dados coletados *in loco*, 2017.**

Baseado nos relatos dos docentes participantes da formação continuada é perceptível que o início enquanto ingresso em algum curso específico de licenciatura partiu de uma escolha pessoal, mas de certo modo, todos expressaram traços próprios da influência familiar. Interessante ressaltar que todos os pesquisados revelam a importância da profissão, o zelo pela docência, mas afirmam as dificuldades enfrentadas no dia-a-dia ao longo da profissão.



Contudo, o relato do professor P3 da área de Ciências da Natureza, quando expressou claramente sua indignação frente à realidade apontada para a educação do país, principalmente quando menciona: “basta dizer que estão mais preocupados com quantidades do que com qualidades, uma vez que, criam um cálculo para o IDEB que mais valoriza o índice de aprovados de uma instituição do que a média dos alunos dessa mesma instituição que foi submetida ao exame próprio para a obtenção do IDEB. Encontro-me e/ou me sinto encurralado, cobrado para dar uma boa ou excelente aula, mas sem poder cobrar da mesma forma, dos meus alunos”.

De fato, sabemos que esses dados numéricos são atribuídos e calculados deixando muitas contradições, pois temos assistido que atualmente mais vale *quantidade* do que *qualidade*, e isso se torna bastante evidente no cotidiano do professor, pois já não se concebe a aceitação pela reprovação, ou seja; o aluno, independente do nível cognitivo que estiver e condição, deve ser considerado apto, prosseguindo adiante, não permitindo perante o sistema educacional ser retido.

Realmente acaba limitando o posicionamento e trabalho a ser executado pelo professor, colocando imposições, condição esta que tem encaminhado a um ensino mais flexível e ponderado, caracterizando uma educação a cada vez mais frágil, de caráter facilitado, minimizando a qualidade do ensino.

Acreditamos que investigar o *professor* identificando-o como produtor de conhecimentos referentes à *sua prática*, colocando-a em plano de destaque e *seu saber da experiência*, enquanto elemento desencadeador para reflexões torna-se de fundamental importância para a compreensão do processo de ensino-aprendizagem, para o desenvolvimento de ações de formação (inicial e continuada) que contribuam para a consolidação de profissionais reflexivos e, conseqüentemente, para o oferecimento de um ensino de qualidade para a população, (MIZUKAMI, 1996).

Outro aspecto notadamente marcante, demonstrado em todos os relatos em questão, é que embora a profissão seja tão afetada e rodeada por desafios diários, os docentes expressam a admiração pela função e papel social, transmitido e perpassado pelo trabalho desenvolvido na área da educação e, devido a essas características, ainda persistem em seguir na profissão.

## **Considerações Finais**

O Ensino Médio, como última etapa da educação básica, tem vivenciado intensas mudanças e reformulações que envolvem a estrutura, o currículo, os objetivos e propostas para as quais se destinam e propõem esse ensino. Não obstante, outro aspecto que tem se revelado como impasse e

debate de forma geral é sobre a identidade que essa etapa de ensino traz consigo, sendo, portanto, muito discutida devido a todo o processo histórico desde sua origem até os dias atuais.

E de fato, hoje, o Ensino Médio é um grande alvo, pois se concentra como fase intermediária, sendo via de encaminhamento no mercado de trabalho, ingresso em cursos técnicos e ou ainda, no ensino superior. Então, como fase conclusiva da educação básica, ganha destaque e enfrenta desafios, sendo direcionada e modificada pelas políticas públicas do país.

Em meio a tantas mudanças e, inclusive, investimentos, ainda assim, os dados demonstram a queda de matrículas e frequência efetiva da juventude entre 15 a 17 anos, sendo crescente o número da evasão, abandono e redução do número de estudantes que não concluem essa etapa de ensino.

Nesse sentido, tais propostas e intenções que sejam direcionadas para o Ensino Médio, devem analisar e melhorar as condições de acesso e permanência, considerando as questões socioeconômicas que influenciam diretamente na vida desses jovens que muitas vezes precisam optar pelo trabalho a permanecer estudando regularmente na escola.

Tratando da formação continuada realizada para professores do Ensino Médio oferecida na escola pesquisada, a partir das observações dos encontros semanais e das diversas atividades desenvolvidas, podemos considerar que os professores cursistas se abriram a proposta de refletir sobre a prática docente, revisar o trabalho escolar e trocar experiências que auxiliassem nas dificuldades do cotidiano.

Também é evidente que alguns por diversas realidades demonstravam desmotivação, desinteresse e pouco empenho, mas a maioria de forma recíproca, correspondeu ao período formativo, inclusive adquirindo mais ânimo e interesse em colaborar com a dinâmica da instituição.

Esses aspectos evidenciam que a formação continuada muitas vezes pode fazer a diferença no trabalho do corpo docente, pois geralmente abordam novidades, ocorre à troca de experiências e, claro, são momentos de aprendizagem e discussões que possibilitam inovação e reflexão da prática docente. Embora existam muitos impasses e desafios para se obter uma certificação na qualidade da educação, ainda assim, advogamos que só através de incentivos, decisões concisas e práticas de ensino eficazes, teremos resultados satisfatórios no âmbito da avaliação nacional.

## **Referências**

BONITATIBUS, S. G. **Ensino médio: expansão e qualidade**. In: MEC/SENEB/PNUD: Ensino médio como educação básica. Cadernos Seneb nº 4. São Paulo, 1991.

BRASIL. **Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/>. Acesso em 25 de Agosto de 2017.

\_\_\_\_\_. **LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. nº 9.394,** 20 de Dezembro de 1996. 7ª. ed. Brasília, 2012.

CANDAU, V. M. F. **Formação continuada de professores: tendências atuais.** In: CANDAU, V. M. (Org.). *Magistério: construção cotidiana.* Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

INEP - **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.** Sistema de Consulta a Matrícula do Censo Escolar, 2006. Disponível em <http://www.inep.gov.br/>. Acesso em: 02 de Setembro de 2017.

KRAWCZYK, N. **Reflexão Sobre Alguns Desafios do Ensino Médio no Brasil Hoje.** V.41. nº.144. Setembro-Dezembro, 2011.

MIZUKAMI, M. da G. N. **Docência, trajetórias pessoais e desenvolvimento profissional.** In: REALI, A. M. de M. R. e MIZUKAMI, M. da G. N. (orgs). **Formação de professores: Tendências Atuais.** São Paulo: Editora da UFSCar São Carlos, 1996.

MOEHLECKE, S. **O Ensino Médio e as Novas Diretrizes Curriculares Nacionais: entre recorrências e novas inquietações.** Revista Brasileira de Educação. V. 17. Nº 49. Janeiro-Abril, 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em: 02 de Setembro de 2017.

PINTO, J. M. **O ensino médio.** In: Oliveira, R. P. e ADRIÃO, T. (Org.). *Organização do ensino no Brasil: níveis e modalidades na Constituição Federal e na LDB.* São Paulo: Xamã, 2002.

ROMANELLI, O. **História da educação no Brasil (1930/1973).** Petrópolis: Ed. Vozes, 2001.